

PIB BAIANO TOTALIZOU R\$ 159,9 BILHÕES EM 2011

INTRODUÇÃO

A SEI divulga, em parceria com o IBGE e demais institutos de pesquisas e estatísticas do país, os dados relativos ao PIB do ano de 2011. Mais uma vez convém mencionar o caráter provisório das informações. Diferentemente do que ocorreu até o ano de 2009, quando o PIB foi divulgado como definitivo, nos anos de 2010 e 2011 esses dados são provisórios, devido à mudança de base pela qual passa o cálculo do PIB do Brasil e dos estados. Diante dessa realidade, o procedimento tradicional de ajuste¹ do PIB dos estados ao PIB do Brasil passou a ser realizado considerando-se o PIB trimestral nacional, que possui menor desagregação e está baseado num conjunto de informações conjunturais.

Além da questão do ajuste ao PIB trimestral, em 2011 o cálculo foi feito apenas nos valores correntes do Valor Bruto da Produção (VBP), do Consumo Intermediário (CI) e do Valor Adicionado (VA), ficando o volume (taxa de crescimento) sem ajuste às contas nacionais, o que inviabiliza qualquer tipo de comparação entre as unidades da Federação (UF). Portanto, as taxas de crescimento divulgadas para o ano de 2011, apesar de representar um retrato do que ocorreu na economia baiana, não têm comparabilidade temporal nem espacial e estão sujeitas a alterações quando da divulgação da nova base do PIB pelo IBGE, no final de 2015². Ou seja, o valor

¹ O ajuste consiste em realizar procedimento estatístico de forma a determinar que a soma do PIB dos estados brasileiros, que é calculado de forma independente, corresponda ao PIB do Brasil. Para tanto, normalmente o ajuste é realizado tanto no volume, isto é, na taxa de crescimento quanto no valor (nominal) no Valor Bruto da Produção (VBP), Consumo Intermediário (CI) e Valor Adicionado (VA).

² Para maiores esclarecimentos sobre a mudança de base do PIB nacional e regional ver nota técnica em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasnacionais/2009/default_seminarios_2010.shtm

relativo ao crescimento da economia baiana não deve ser comparado com o de outras Unidades da Federação, mas apenas com o do Brasil. Também não é possível a comparação com anos anteriores, visto que há uma quebra na série histórica, via mudança de metodologia.

BRASIL, GRANDES REGIÕES E ESTADOS

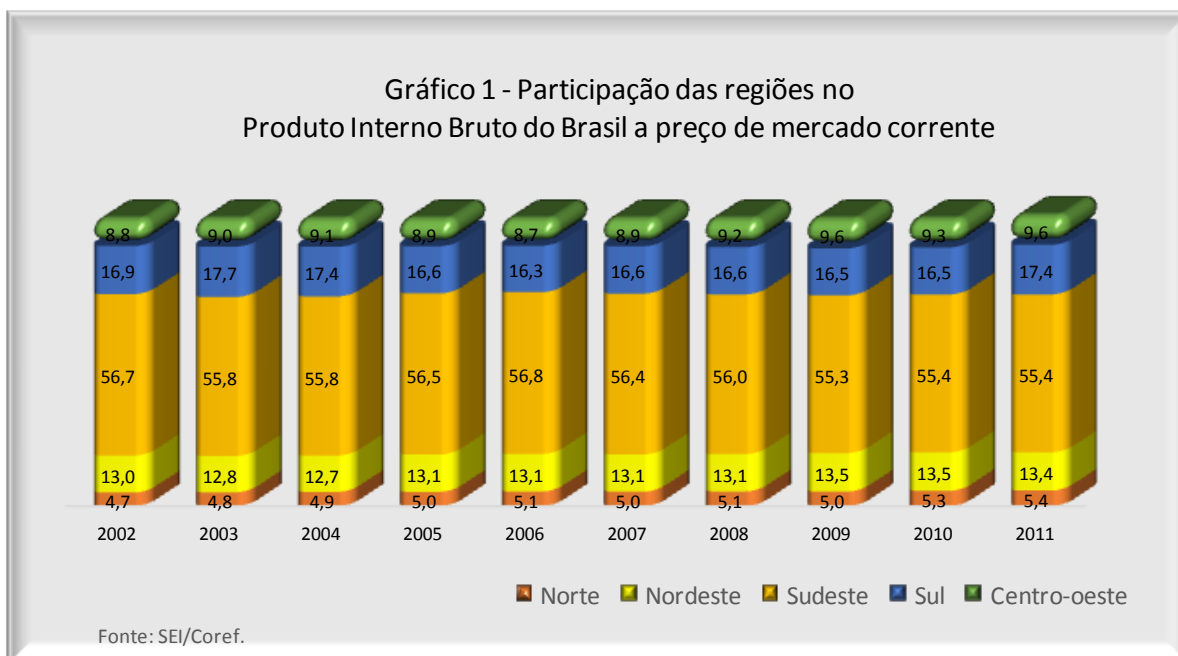
VALORES REAIS

No ano de 2011, a economia brasileira registrou expansão de 2,7%, considerando as informações relativas ao PIB trimestral. Todos os setores contribuíram positivamente para o crescimento da atividade econômica brasileira no referido ano, com destaque para *agropecuária* (3,9%), *extrativa mineral* (3,2%), *construção civil* (3,6%) e *comércio* (3,4%). Já a *indústria de transformação* ficou praticamente estabilizada, com expansão de 0,1%. A taxa de expansão do PIB baiano ficou bem acima da brasileira, situando-se em 4,1%. As maiores contribuições positivas para o crescimento do PIB baiano vieram dos segmentos *SIUP* (16,3%), *construção civil* (13,7%), *alojamento* (9,1%), *saúde e educação mercantis* (8,8%), *transportes* (6,6%), dentre outros. Já as contribuições negativas originaram-se de *extrativa mineral* (-1,9%) e *transformação* (-3,2%), este último com fortes impactos no número final do PIB, conforme será explicitado à frente.

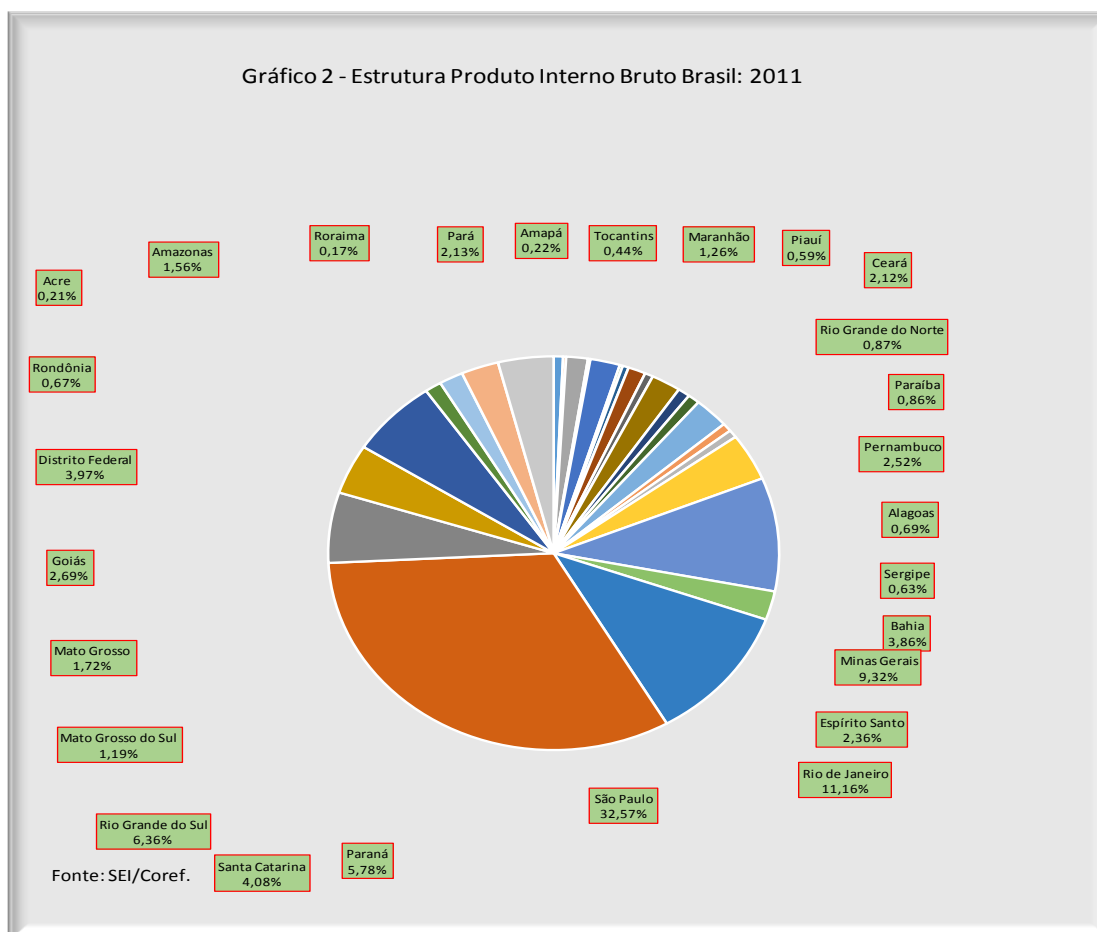
VALORES CORRENTES

Em termos correntes, a soma das riquezas do país totalizou R\$ 4,1 trilhões, com renda *per capita* de R\$ 21.535. Entre as regiões, o Sudeste se manteve como o principal gerador de riquezas do país, com participação em 55,4%. A Região Sul ganhou 0,9 p.p. de participação, enquanto que o Centro-Oeste e o Norte

aumentaram, respectivamente, 0,1 p.p. e 0,3 p.p. Já a Região Nordeste perdeu 0,1 p.p., recuando de 13,5% para 13,4%. A série com as informações sobre a participação das regiões no PIB do Brasil pode ser visualizada no Gráfico 1.



Observando-se os dados do PIB a partir das unidades, constata-se que não houve alteração de posição entre as cinco maiores economias do país – São Paulo (32,6%), Rio de Janeiro (11,2%), Minas Gerais (9,3%), Rio Grande do Sul (6,4%) e Paraná (5,8%). Esses estados, juntos, respondem por dois terços da produção econômica do Brasil. Já na sequência houve alterações de posições, com a Bahia (3,86%) caindo da sexta para a oitava posição, sendo ultrapassada por Santa Catarina (4,08%) e Distrito Federal (3,97%). Roraima é a unidade da Federação com a menor participação no PIB do Brasil (0,17%).



No que concerne à economia baiana, os dados preliminares das contas regionais de 2011 apontam que, naquele ano, o PIB baiano totalizou R\$ 159,869 bilhões, sendo que o Valor Adicionado do estado foi de R\$ 139,724 bilhões, enquanto que os impostos somaram R\$ 20,144 bilhões. O PIB per capita da Bahia em 2011 foi de R\$ 11.340, equivalendo a 53% do brasileiro.

Considerando-se o conjunto das economias estaduais em relação ao Brasil, a Bahia representou 3,86% do PIB nacional, posicionando-se como a oitava economia

brasileira. A despeito de ter registrado crescimento de 4,1%³ no PIB, o estado apresentou perda de participação na estrutura do Produto Interno Bruto nacional. Essa perda foi decorrente, especificamente, do baixo desempenho da *indústria de transformação* e, em particular, do *refino de petróleo*, que, devido às alterações de preço internacional, impactou negativamente o Valor Adicionado da atividade. Na seção relativa ao setor industrial é apresentada uma descrição dos fatos que propiciaram esse desempenho negativo.

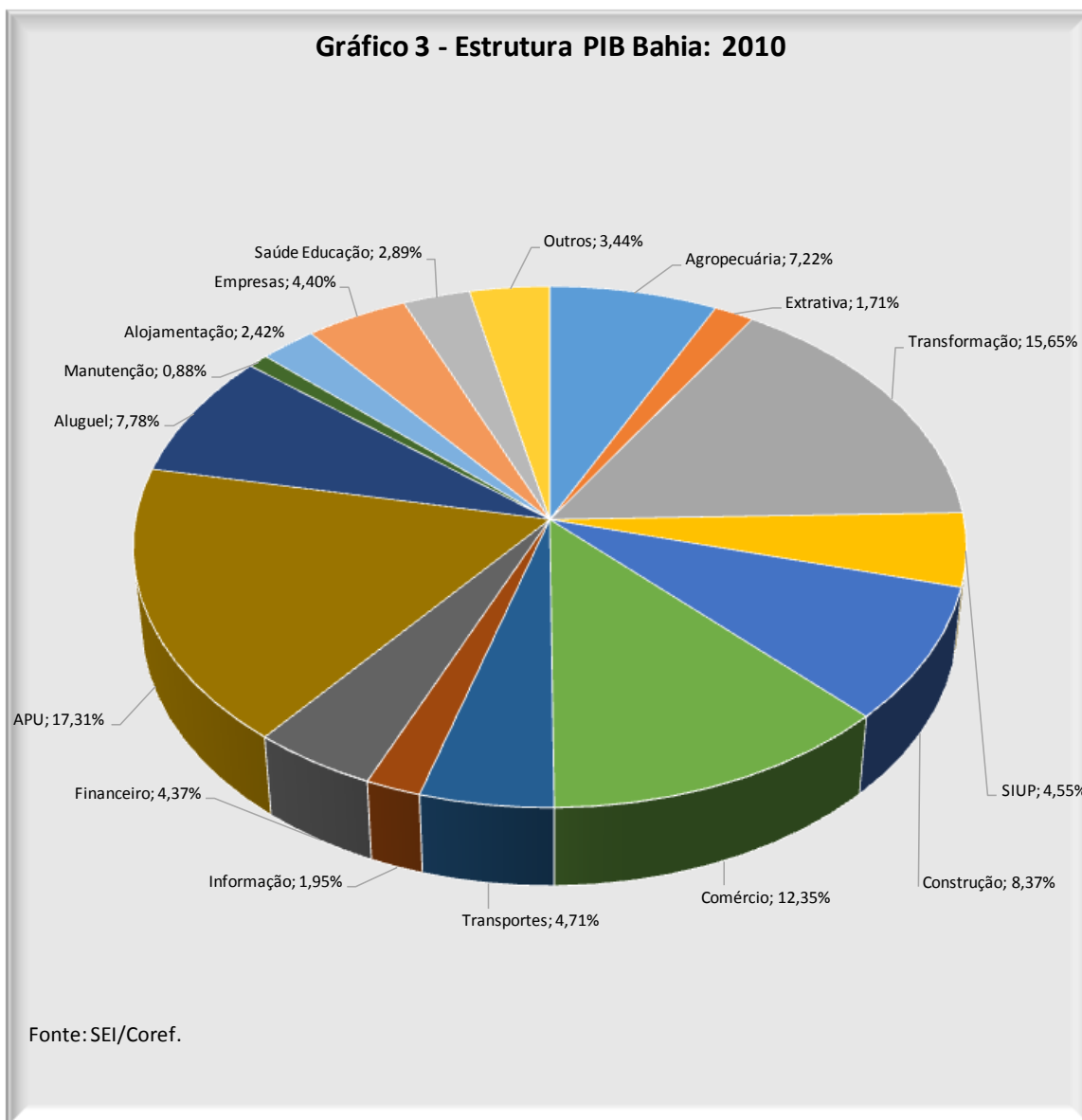
DESEMPENHO SETORIAL

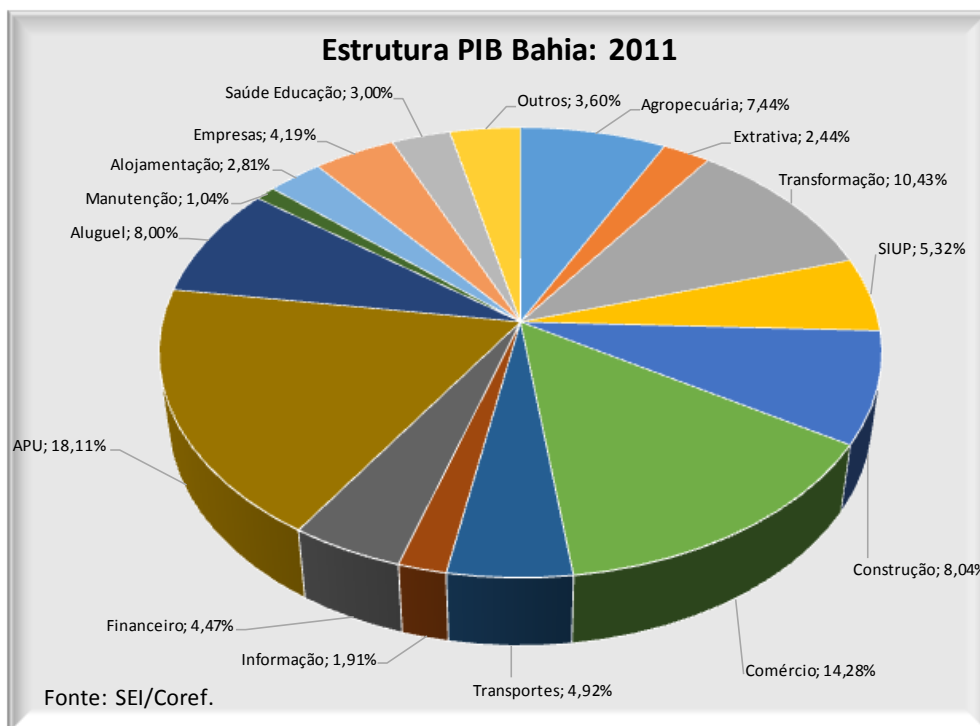
Conforme explicitado inicialmente, os dados relativos ao PIB de 2011 foram ajustados ao PIB trimestral do Brasil, o qual possui um nível de abertura menor que as contas nacionais. Nesse sentido, os dados contemplam os segmentos de *agropecuária, extrativa, transformação, SIUP, construção civil, comércio, transportes, serviços de informação, financeiro, administração pública, aluguel, serviços de manutenção, alojamento e alimentação, serviços prestados às empresas, saúde e educação mercantis e outros serviços*. Entre os anos de 2010 e 2011, o grande destaque ficou por conta da perda de participação da *indústria de transformação*, que caiu de 15,65% para 10,43%. Já o *comércio* e a *administração pública* ganharam participação na estrutura do PIB baiano, respondendo, respectivamente, por 14,28% e 18,11%. A *extrativa mineral* também aumentou a participação, sendo que, nesse caso, esse ganho está diretamente associado à perda de participação da *indústria de transformação*.

³ Essa taxa, assim como a de 2010, não tem comparabilidade temporal e espacial (com os demais estados) por seguir procedimento metodológico diferente daquele adotado até o ano de 2009.

www.sei.ba.gov.br

Gráfico 3 - Estrutura PIB Bahia: 2010





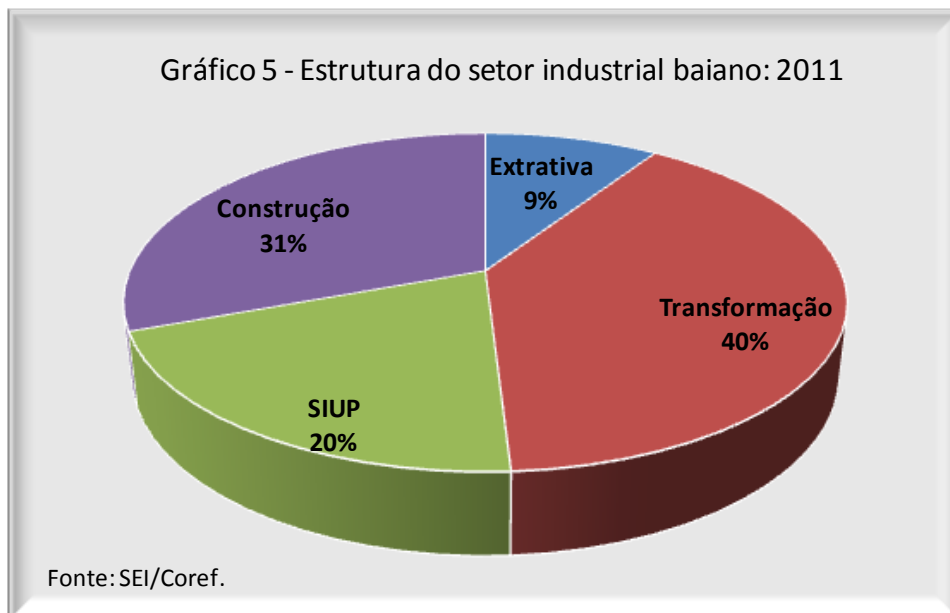
Agropecuária

A *agropecuária* baiana registrou Valor Adicionado de R\$ 10,399 bilhões, favorecida pela expansão de algumas culturas, a exemplo da soja, lavoura temporária e lavoura permanente, sendo que a produção de grãos alcançou o recorde de 7,6 milhões de toneladas. Por outro lado, a *pecuária* contribuiu negativamente para o PIB do setor, com fraco desempenho na produção de suínos e aves.

Indústria

Dentre os quatro segmentos da *indústria* baiana, a *transformação* continua sendo o de maior representatividade, com 40,0% do Valor Adicionado do setor, seguido pela *construção civil*, com 31,0%. Destaque em 2011 para o crescimento de participação

da *extrativa*, que chegou a 9,0%.



Conforme explicitado inicialmente, a *indústria de transformação* foi a principal determinante não apenas para o desempenho do setor, mas também do PIB e da Bahia no cenário nacional. Dois fatores afetaram diretamente o desempenho do segmento. O primeiro foi a retração na produção, observada através dos dados da Produção Indústria Mensal (PIM) (-4,38%), sendo que *produtos químicos* e *refino de petróleo*, dois dos principais segmentos, registraram as maiores retrações (-9,56% e -7,4%). Vale destacar que, naquele ano, ocorreu o “apagão do Nordeste”, que implicou a paralisação de uma série de atividades da indústria petroquímica. O segundo fator e principal determinante para o impacto negativo no PIB foi o preço, especificamente do petróleo.

Em 2011, os preços administrados dos derivados do petróleo não tiveram reajuste, enquanto que no mercado internacional observou-se forte elevação. Nesse sentido, houve, de um lado, estabilidade no preço dos derivados, e de outro, crescimento de aproximadamente 35,0% no principal insumo da indústria de refino. No cálculo do

PIB, especificamente para o segmento de *refino de petróleo*, consideram-se como valor da produção os resultados obtidos a partir das vendas de derivados (gasolina, diesel, nafta, querosene etc.), descontados os custos necessários para produzir esses derivados – energia, equipamentos diversos, petróleo, dentre outros –, sendo o petróleo o principal deles e com valor definido no mercado internacional. Sendo assim, esse insumo registrou, em 2011, crescimento de aproximadamente 40,0%, enquanto o valor da produção dos derivados de petróleo praticamente não teve reajuste. Então, ao se considerar valor de venda de produtos que ficaram praticamente estáveis (VBP), descontando-se o custo de produção, que teve significativa valorização (CI), o resultado é um saldo final bastante comprimido (VA). Isto é, houve redução significativa do Valor Adicionado do segmento de refino em todo o Brasil.

Obviamente, essa situação foi a mesma para todas as unidades da Federação que possuem refinarias de petróleo. No entanto, os efeitos negativos desse fator conjuntural foram mais agressivos sobre a economia baiana, que, naquele ano, ainda exibia considerável concentração de sua atividade produtiva no segmento de refino de petróleo. Nos estados que possuem maior diversificação produtiva, os efeitos negativos foram amenizados, por conta da dinâmica das outras atividades produtivas.

Há de se mencionar que nos estados em que há extração de petróleo houve ganho de participação da atividade, visto que a remuneração obtida com a venda do petróleo cru cresceu na mesma proporção que os preços da *commodity* no mercado internacional. Esse foi o fator principal que determinou o ganho de participação do setor extrativo mineral na Bahia. A despeito da estabilidade na produção de petróleo baiana, a elevação dos preços da atividade propiciou que ela saísse de uma participação de 1,7% em 2010 para 2,44% em 2011.

Ainda dentro do setor industrial, destaca-se o ganho de participação da atividade de *serviços industriais de utilidade pública* (SIUP) – que contempla, dentre outros setores, a geração e distribuição de energia elétrica –, além da perda de participação da *construção civil*, que ganhou espaço até o ano de 2010, mas que, devido ao momento conjuntural pelo qual passou, experimentou redução no ritmo de crescimento.

Serviços

No setor de *serviços* observou-se, em 2001, Valor Adicionado de R\$ 92,677 bilhões, sendo que a *administração pública* manteve-se como principal atividade, representando 27,3% do setor, mas perdendo um pouco de participação, visto que em 2010 esse índice era de 27,7%. Essa perda foi decorrente da evolução da atividade comercial, que, ao registrar Valor Adicionado de R\$ 19,958 bilhões, teve crescimento de 1,8 p. p., respondendo por 21,5% do Valor Adicionado do setor.

Nas demais atividades, observou-se ligeira variação para mais ou para menos, com destaque para a perda de participação de 0,7 p. p. de *serviços prestados às empresas*, que passou a responder por 6,3% do Valor Adicionado do setor de *serviços*. Já o segmento de *alojamento e alimentação* aumentou sua participação no setor de 3,9% para 4,2%.